

Tensão e expectativa agitam mercado

Econ Brasil

Debate sobre choque
leva dólar a até
NCz\$ 7,15 e juros
a quase 10.000%

ANTÔNIO FÉLIX

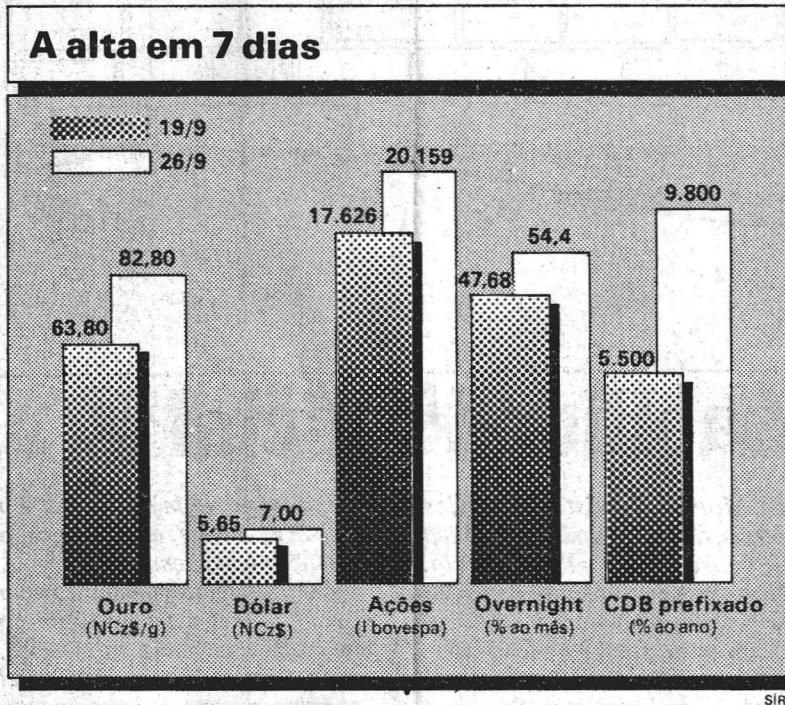
O mercado financeiro foi agitado ontem pelas notícias de que setores do governo debatem, no momento, a possibilidade de aplicar um novo choque na economia, com congelamento de preços e salários. Os principais sinais foram detectados no comportamento do ouro e do dólar no paralelo, mercados para os quais o dinheiro costuma fugir em momentos de incerteza econômica. O ouro chegou a ser cotado a NCz\$ 87,10 o grama, na Bolsa Mercantil & de Futuros (BMF), mas depois recuou para NCz\$ 82,80. Mesmo assim os preços ficaram 7,3% mais altos do que na segunda-feira. O dólar bateu em NCz\$ 7,15 e fechou a NCz\$ 7,00, com alta de 8,5% num único dia. Para conseguir captar recursos, os bancos tiveram de pagar taxas máximas de 10.000% ao ano nos CDBs prefixados (ver gráfico). Mesmo assim, eram poucos os negócios. "É uma loucura", disse o diretor de um dos grandes conglomerados financeiros do País.

"A alta do ouro e do dólar decorre da divergência das expectativas de inflação", afirmou o ex-diretor da dívida pública do Banco Central José Júlio Senna.

"O governo diz que a estimativa é uma, mas as pessoas esperam outra coisa." As pessoas, segundo Carlos Alberto Cosenza, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tiram um pouco do rendimento obtido com a alta dos juros no over, nos últimos dias, e aplicam no dólar e no ouro. "É um verdadeiro efeito bumerangue", diz ele. Como os dois mercados são pequenos, qualquer movimento, por menor que seja, é suficiente para grandes puxadas nos preços.

O Banco Central elevou um pouco mais os juros do overnight, de 54 para 54,4% ao mês. O recuo do dólar e do ouro no final do dia, porém, foi atribuído pelo secretário do Tesouro Nacional, Luís Antônio Gonçalves, ao resultado de um leilão de títulos do governo feito ontem. A procura de LFTs superou em duas vezes o total oferecido pelo Banco Central. A aceitação seria uma prova de confiança do mercado nos títulos públicos — exatamente o contrário do que faziam supor os movimentos do ouro e do dólar. O Banco Central teve de pagar, em contrapartida, um deságio de 1,05% em média — igual ao do recorde do dia 8 de junho — e dar aos agentes do mercado a garantia de recompra dos títulos na semana que vem. "O deságio não faz nem cõcega nos encargos da dívida", disse o coordenador da dívida pública da STN, Roberto Figuei-

A alta em 7 dias



SÍRIO

redo Magalhães. Quanto à promessa de recompra, segundo ele, foi uma garantia adicional. "Não há crise em relação aos títulos públicos. Tanto que damos liquidez diária aos papéis."

Em Brasília, assessores graduados garantiram que se o governo quiser dar um novo choque na economia, não contará com os ministros Maílson da Nóbrega e João Batista de Abreu, para comandar a operação. Além de questões políticas e técnicas, os dois não iriam querer manchar seus currículos com o que, segundo aqueles assessores, seria uma aventura de fim de go-

verno. "Estou muito velho para acreditar em Papai Noel", afirmou o ministro interino da Fazenda, Paulo César Ximenes, numa alusão ao nome dado pelo ex-ministro Delfim Netto ao suposto choque (plano Papai Noel). Apesar dos desmentidos do governo, a possibilidade de um choque continuou em discussão. Ele é inevitável e deve vir depois das eleições, disse o economista Heron Esvael do Carmo, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe).

□ Mais informações sobre política econômica e sobre o mercado financeiro nas páginas 3 e 6.